Discurso de Agradecimento (*)

José Dias de Macêdo

Cumpre-nos, inicialmente, registrar e agradecer as referências elogiosas e carinhosas, inscritas não só na apresentação, sob o título de "Agradecimento", do último tomo da Revista do Instituto do Ceará, como nas palavras agora pronunciadas pelo ilustre Diretor desta Casa, Cel. Paulo Ayrton Araújo, meu amigo e conterrâneo de Camocim.

São momentos felizes e gratificantes como este que contrabalançam as agruras e vicissitudes enfrentadas ao longo de mais de 70 anos de vida. O título de Sócio Benemérito nos honra e comove e o recebemos como um reconhecimento da sociedade ao continuado trabalho de um cearense em favor do desenvolvimento de seu Estado Natal.

Quando nos foi comunicada a decisão do Instituto do Ceará, nos veio logo uma reflexão, considerando as relações, na comunidade, entre as lideranças culturais e empresariais. Este relacionamento é, tantas vezes, conturbado por uma mútua apreciação preconceituosa, em que o empresário pode ser visto como um fanático perseguidor de fortuna e, de outra parte, o intelectual encarado como um apêndice algo improdutivo.

No sentido pessoal, a partir da nossa própria vivência, gostaríamos de dar um testemunho diametralmente oposto aos conceitos, embora errôneos, tão difundidos. No regime predominantemente adotado no Ocidente, a empresa, produtora de bens e serviços, é a entidade na qual a sociedade deposita as maiores esperanças de desenvolvimento e bem-estar materiais. O empresário é, apenas, o catalizador, o organizador dos fatores de produção, o trabalho, o capital e os recursos naturais, para a produção do progresso.

Claro, existe a motivação do lucro e ela é até predominante nos primeiros passos do cidadão que parte para a atividade empresarial. Assim aconteceu conosco nos idos de 1939 e, em período nenhum, podemos esquecer o lucro, porque, obviamente, o prejuízo continuado conduz à cessação das atividades da empresa, o cancelamento daquelas oportunidades de emprego.

Isto não significa dizer que o lucro e a única motivação. Ao contrário, pela nossa experiência, logo após o início da atividade, outras prioridades emergem e passam a predominar. Cedo nos apercebemos da responsabilidade social da empresa, que é uma expressão ampla, compreendendo um grande conjunto de preocupações. Por exemplo, quando nos decidimos por um investimento a motivação maior está na possibilidade de ofertar novos empregos, ao lado da de-

(*) Pronunciado em sessão solene realizada a 5 de dezembro de 1990.

sejada maior estabilidade ao conjunto de negócios já em operação.

Quando o Grupo J. Macêdo recebe a colaboração de quase sete mil funcionários, o futuro desta grande família é a preocupação central de seu líder. Entenda-se preocupação não no sentido da ansiedade, mas no orgulho por criar e manter.

Não há empresa sem cliente. Então, permanentemente, estamos tentando produzir mais, melhor e mais barato. E nessa área, as etapas que progressivamente alcançamos são, de fato, mais gratificantes que o lucro, e dependentes de contínuo esforço na atualização tecnológica e do treinamento e capacitação da equipe de colaboradores.

São, igualmente, motivações importantes o relacionamento com a comunidade buscando dar a contribuição direta possível, a ser somada à pesada carga tributária, que faz mover a máquina governamental. No relacionamento com a comunidade despontam a preocuçação com a ecologia e, não em último lugar, o apoio a eventos culturais importantes.

Ao tentar sintetizar aqui as nossas motivações de empresário, queríamos apenas reduzir os citados preconceitos mútuos. De um lado, declaramos que não somos movidos pelo desejo simplório de acumular riquezas; de outro, proclamamos nosso reconhecimento quanto ao valor insubstituível das manifestações superiores da cultura, na ciência e na arte.

O destino e a vocação nos levaram, muito cedo, a aplicar toda a nossa capacidade no trabalho, que, finalmente, está aí materializado em um grupo de empresas. Olhando para trás, para esses 60 anos de trabalho, estamos satisfeitos. Repetiríamos a mesma estrada, se fosse possível tudo recomeçar. O único ponto que talvez sofresse alguma alteração, seria destinar um tempo maior ao desenvolvimento intelectual, mudança esta resultante do respeito e admiração que nos possui quando diante de homens de intelecto desenvolvido, quando diante de expoentes das ciências e das artes, de que são exemplos os sócios desta centenária Instituição.

Para finalizar, gostaríamos de enfatizar o íntimo relacionamento entre o desenvolvimento da cultura e o progresso material. Historicamente, estão tão unidos que se apresentam como manifestações diferentes de um mesmo fenômeno.

Talvez o maior degrau galgado pela humanidade, a revolução fundamental na evolução do homem e de suas manifestações intelectuais, ocorreu quando os sumérios desenvolveram um sistema de escrita. Curiosamente, a Suméria estava onde hoje se encontra o Iraque, nos férteis vales do Tigre e Eufrates.

Por que os sumérios desenvolveram a escrita? Na época de sua ascensão, praticamente todos os povos eram nômades, caminhando atrás dos alimentos. Mas, ali na Mesopotâmia, os agricultures desenvolveram a irrigação que lhes permitiu cultivar cereais, como o trigo e a cevada, qualquer que fosse o regime de chuvas.

O resultado foi um enorme excedente de cereais, que proporcionou àquele povo meios para desenvolverem novas habilidades e novas técnicas. Sem o excedente, cada indivíduo teria que coletar o seu alimento, mas a rique-

za acumulada montou um florescente conjunto de cidades ao longo dos dois rios. Estabeleceram-se cidades-estados e, a seguir, a nação. Seus reis promulgaram leis e organizaram exércitos tudo a partir do excedente gerado pela agricultura irrigada.

O excedente era consumido pelos não-agricultores e, também, comercializado para terras distantes, no primeiro intercâmbio internacional importante. Como registrar tais transações? Somente inventando uma língua escrita. Depois, um escriba, registrando as proezas de seu rei, inventou a história escrita.

Lembramos este singelo exemplo inicial, relacionando a produção material ao desenvolvimento intelectual, apenas para comprovar que sempre tem sido assim. Como foram sustentados os artistas, arquitetos e artesões dos faraós? Com excedentes de produção. Todos sabemos que o Renascimento, explodindo a economia para além dos limites medievais, pôde, também, fazer desabrochar importantíssimas manifestações de arte e ciência.

Aqui mesmo, no Nordeste, somente podemos atribuir o patrimônio histórico e artístico das capitais maiores: Salvador, Recife, Fortaleza e São Luís, a uma estrutura economicamente rica, a uma base material que lhe deu suporte. Então se, por natureza, desenvolvimento econômico e cultural caminham juntos, por que haverão de andar separados o intelectual e o empresário?

O Grupo J. Macêdo sentiu-se honrado em poder participar da edição de mais um tomo da conceituada Revista do Instituto do Ceará, referente a 1989, ano do cinqüentenário de J. Macêdo.

Recebemos o título de Sócio Benemérito da Casa do Barão de Studart, entidade que, ao longo dos seus 103 anos, vem prestando distinguidos serviços à cultura cearense e brasileira, com orgulho e humildade, orgulho pela dimensão do galardão e humildade, pela modéstia de nossa contribuição.

Agradecemos calorosamente à Presidência do Instituto do Ceará pela iniciativa que tanto nos sensibilizou, da mesma forma com que registramos nossa satisfação pela presença estimulante e carinhosa de tantos amigos.

Muito obrigado.